

EM CONCERTO

por MARCUS VERAS



Acervo pessoal

Moacir Santos, um patrimônio da nossa música

Cem anos do nosso mestre Moacir Santos

No ano em que Moacir Santos (1926–2006) completaria 100 anos, a Casa do Choro (Rua da Carioca 38) recebe, durante o mês de outubro, uma programação dedicada à obra e ao legado de um dos mais inventivos compositores e arranjadores brasileiros do século XX. O Festival Moacir Santos 2026 acontece até o dia 29. Nesta quinta (8), será a vez do Quarteto Coisas - An-

drea Ernest Dias (flauta); Marcílio Lopes (bandolim); Maurício Carrilho (violão de sete cordas) e Fernando Leitzke (piano). O repertório recupera choros compostos pelo maestro em sua juventude, ainda no Nordeste, e também os dos primeiros anos após sua chegada à Rádio Nacional, no final da década de 1940 e início dos anos 1950. Ingressos a partir de R\$ 40.

Música e medicina

Um retrato musical divertido e sentimental da medicina e dos médicos, com suas pílulas, cirurgias, elixires e encantamentos para lidar com os muitos males da condição humana. No programa, trechos de obras de Bach, Haendel, Lully, Couperin, Marais, Charpentier, Kuhnau. Com Laura Rónai, (flauta barroca), Roger Ribeiro (violino barroco), Eduardo Antonello (cravo), e Myrna Herzog (viola de gamba e direção). Nesta quarta-feira (7), às 19h, no Teatro Solar de Botafogo (General Polidoro 180), ingressos a partir de R\$ 110.

Estreia Mundial

A Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem ocupa o Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº) sábado (10) às 11h, regência de Anderson Alves. No repertório, obras de Brahms, Ford e Dvorák, e a estreia mundial de “Concerto para Tímpanos”. Grátis.

Viagem sonora

O Quarteto de Teclas Sonoras, dirigido por Nelma Pataro, percorre diferentes períodos e estilos musicais, do universo erudito à música popular brasileira. O grupo apresenta-se nesta terça (6), às 19h, Art Sesc (Rua Marquês de Abranches, 99). Grátis.

Cinderela no Municipal

No mês das crianças, o Projeto Ópera do Meio-Dia do recebe “Cinderela”, de Rossini. A personagem do conto de fadas chega na hora do almoço em quatro apresentações gratuitas: nos dias 6, 7, 13 e 21 de outubro. A versão em português foi adaptada por Víctor Abalada & Cyrano Sales. Os ingressos podem ser retirados uma hora antes do espetáculo.



Daniel Ebendinger/Divulgação



Juliana Chalita/Divulgação

Carolina Chalita em cena: ‘Desenvolvemos uma dramaturgia que oferece a possibilidade de investigar as fronteiras entre os olhares árabe e ocidental sobre as mulheres’

Sherazade desconstruída

Indicada ao Prêmio APTR, Carolina Chalita leva ao Centro Cultural do Poder Judiciário a primeira adaptação para o teatro de best-seller da libanesa Joumana Haddad

Exaltada pelo Ocidente como símbolo de insubmissão feminina, Sherazade nunca foi nada disso, sustenta a escritora libanesa Joumana Haddad em “Eu matei Sherazade, confissões de uma árabe em fúria”. É essa leitura que Carolina Chalita transforma em monólogo no palco do Centro Cultural do Poder Judiciário (CCPJ), em curta temporada.

Indicada ao Prêmio APTR, a peça percorre cidades fluminenses em tour e tem dramaturgia assinada pela própria protagonista, direção de Miwa Yanagizawa, direção musical de Beto Lemos e música ao vivo de Maria Clara Valle.

O espetáculo questiona até onde as realidades vividas pelas brasileiras e pelas mulheres árabes se distanciam? No palco, Carolina — que tem ascendência libanesa — narra as confissões de uma árabe enfurecida pela maneira como a mulher é vista por seu próprio povo e pelo olhar preconceituoso do Ocidente.

“Desenvolvemos uma dramaturgia que oferece a possibilidade de investigar as fronteiras entre os olhares árabe e ocidental sobre as mulheres. Joumana Haddad nos

“*Joumana Haddad nos apresenta um caminho para a libertação da hipocrisia da cultura patriarcal*”

GABRIELA CHALITA

apresenta um caminho para a libertação da hipocrisia da cultura patriarcal”, conta.

O caminho, na obra de uma das escritoras mais influentes do mundo árabe, passa por uma crítica feroz à personagem de “As mil e uma noites”, compilação de histórias populares originárias do Oriente Médio e do sul da Ásia em língua árabe a partir do século IX. Para Joumana, ao ludibriar o sultão com fábulas que maquiavam sua transformação, Sherazade não rompe com o sexismo — o perpetua.

“O sultão, que, a cada noite, matava uma virgem de seu reino como vingança por ter sido traído

por sua primeira esposa, fica curioso com as fábulas de Sherazade, o que, para o mundo ocidental e para os próprios árabes, significa que a personagem não é submissa. É exatamente isso que Joumana questiona” detalha a atriz, que atua desde os oito anos e já integrou companhias como a Amok Teatro e Cia Teatro Esplendor.

Joumana Haddad é poeta, jornalista e ativista de direitos humanos, eleita pela Arabian Business Magazine uma das 100 mulheres mais poderosas do mundo e citada pela ONG Apolitical entre as 100 pessoas mais influentes na política de gênero. Fundou a Jasad, revista erótica trimestral em língua árabe especializada em artes e literaturas do corpo, o Joumana Haddad Freedoms Center, em Beirute, e, em parceria com o Institut Français do Líbano, o primeiro Festival Internacional de Feminismos do Oriente Médio, lançado em 2020.

Foi a ascendência libanesa que a levou Carolina, em 2013, a assistir a uma leitura dramatizada de uma adaptação do livro assinada por Clarisse Niskier. “Quando acabou a leitura, procurei a Clarisse e disse que, se ela não fosse montar, de fato, o texto, eu me interessaria. Depois de um ano, ela me liberou e procurei a Joumana”, revela.

SERVIÇO

EU MATEI SHERAZADE, CONFISSÕES DE UMA ÁRABE EM FÚRIA

Centro Cultural do Poder Judiciário - CCPJ (Av. Erasmo Braga, 115, Centro)
De 6 a 14/10, terças e quartas-feiras (18h)
Grátis, com ingressos no www.sympla.com.br